

Diz aí, Economista! - Especial 30 Anos do PET-Economia/UFES

Mauricio de Souza Sabadini



Professor adjunto do departamento de Economia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e tutor egresso do Programa de Educação Tutorial PET-Economia/Ufes.

1) Sabemos que, no ano de 2012, o professor Reinaldo Carcanholo (*in memoriam*) deixou a tutoria do PET-Economia/UFES, o qual havia fundado e dirigido durante 20 anos. O grupo, que tinha sua imagem vinculada ao Carcanholo, teve que experimentar a chegada de um novo professor-tutor, propondo um desafio tanto ao senhor quanto aos petianos(as) da época. Nesse cenário, qual foi o elemento que o fez se interessar pelo programa e o que te convenceu a tomar essa decisão? E como foi o período de adaptação do grupo?

R: Acompanho o Programa de Educação Tutorial do curso de Economia desde a minha entrada na Ufes e já via nele um “algo a mais” no processo formativo dos discentes, tanto do ponto de vista do potencial de desenvolvimento dos conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula, quanto no avanço pedagógico e formador, a partir de suas diversas atividades culturais, literárias, teatrais, musicais, de expressão e comunicação, bem como de convivência e resolução coletiva de problemas. Os primeiros documentos que regulamentam os grupos PET já indicavam que seus fundamentos passavam necessariamente pelo caráter de formação crítica do seus integrantes, como indica, por exemplo, o capítulo 1 das Normas Gerais do Ministério da Educação, que deixa claro a necessidade do “desenvolvimento de habilidades de resolução de problemas e pensamento crítico entre os bolsistas” (2006, p. 6)³. As atividades do PET, aliadas aos seus princípios norteadores existentes nas resoluções do Programa, ultrapassam a tradicional indicação de que o PET atua nos eixos centrais de ensino-pesquisa-extensão de nossas universidades. O PET oferece muito

³ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. “Manual de Orientações Básicas - Programa de Educação Tutorial (PET)”, 2006.

mais do que a importante e necessária tríade indicada, daí sua relevância. Para além das atividades, insere os/as petianos/as no conhecimento do funcionamento das instâncias administrativas e a participação nas diversas comissões e setores envolvendo os grupos PET na universidade, também contribuindo para o amadurecimento e proporcionando novas experiências ao longo de sua jornada no grupo. Por isso, sempre ouvimos que “O PET é, em tamanho pequeno, a universidade que queremos para o Brasil” (CARCANHOLO, 2007, p. 51)⁴. Assim, posso afirmar, sem nenhum *clichê*, foi um amor à primeira vista!

Desde então, pelo meu próprio envolvimento e participação nas atividades, dentro e fora da Ufes, foi natural candidatar-me a ser tutor deste grupo que eu tanto admiro. Naturalmente, “substituir” o professor Reinaldo Carcanholo não foi tarefa nada simples, por sua própria qualidade intelectual, de liderança, de décadas acumuladas de vivência com o PET. Aliás, não tem substituição propriamente dita, até porque cada um tem as suas particularidades, as suas singularidades, mas, o mais importante, é que o projeto de formação crítica, base fundamental dos grupos PET do país, conforme consta em seus documentos norteadores, continuasse, que o PET pudesse seguir seus caminhos mantendo a qualidade de seus trabalhos e a referência que sempre teve, mesmo que com pequenas

adaptações. Adicionalmente, a participação de petianos e petianas que já estavam no grupo também foi um aliado importante, junto ao meu conhecimento prévio da metodologia de trabalho.

2) Durante o tempo em que o senhor esteve como tutor do PET-Economia/UFES, o programa realizou diversos eventos e atividades para a comunidade externa e, também, voltado para estudantes do curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Dentre essas atividades, podemos destacar o evento de 25 anos do PET-Economia. Nesse evento, ocorrido em 2017, houve a realização de uma palestra pelo economista Wilson Cano (1937-2020) e a apresentação do projeto de extensão “Teatro do Oprimido”, um método teatral baseado nas obras do teatrólogo Augusto Boal. O senhor poderia detalhar a experiência de coordenar o grupo para organização do evento? Naquele momento, qual o debate econômico predominante levou à escolha do nome do professor Wilson Cano?

R: Nós comemoramos os 20 e 25 anos de fundação do grupo em 2013 e 2017, respectivamente, sendo o PET-Economia o primeiro a ser criado na Universidade Federal do Espírito Santo, junto ao PET Engenharia da Computação, conforme Ofício da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES datado de 21/02/1992 e enviado pela Pró-Reitoria de Graduação-PROGRAD ao Departamento de Economia no dia 19/03/1992. Desde sua criação, em abril de 1992, muitas pessoas passaram pela

⁴ CARCANHOLO, Reinaldo A. VIII. Tutor: Reinaldo Antonio Carcanholo. In: SOARES, Maria do Carmo F.; MOURA, Maria D. (Orgs) “O Programa de Educação Tutorial (PET) em perspectiva: o olhar dos tutores”, Recife, Editora UFRPE, p. 47-51, 2007.

sala do PET, e muitas histórias foram construídas em cada mesa, em cada cadeira, em cada reunião e atividade desenvolvida, dentro e fora da Ufes. Certamente cada egresso/a tem seus “causos”, suas histórias, que ficarão marcadas para o resto da vida, e quando me encontram fazem questão de falar da importância que o PET teve na sua vida profissional e pessoal. Na pesquisa com os egressos, divulgada na comemoração dos 20 anos do grupo, estes relatos individuais foram, como era de se esperar, confirmados. Naturalmente, estas experiências e memórias não seriam diferentes para mim. Vou citar apenas uma delas, envolvendo o Teatro do Oprimido.

Se não estou enganado, a nossa atividade do Teatro do Oprimido foi encenada pela primeira vez na Ufes no evento de 25 anos, mais precisamente no dia 31/08/2017. Por ser de caráter mais extensionista, a peça teatral sempre foi interpretada fora da Ufes, normalmente em escolas e comunidades de bairros. Seu texto possui diversas temáticas que provocam profundas reflexões, que vão desde questões econômicas, como o desemprego, a assuntos como preconceitos, violência familiar, dentre outros. O comitê de organização do evento resolveu inserir a peça antes da palestra do professor Wilson Cano, mas não imaginávamos como seria a reação dos estudantes, colegas de curso, sobretudo porque, como sabemos, a metodologia do teatro do oprimido requer a participação direta das pessoas nos possíveis desfechos da trama. Posso dizer que tudo deu certo, para além das

expectativas que nós criamos. Mas, ainda sobre o teatro, este próximo relato até hoje me deixa um pouco, digamos, nostálgico e triste por não tê-lo registrado. É que certa vez fui buscar o teatrólogo Augusto Boal, criador da metodologia do Teatro do Oprimido, que veio participar de uma atividade na UFES, no aeroporto. Naturalmente, mesmo não sendo tutor à época, eu o levei à sala do PET-Economia para apresentá-lo ao grupo e dizer que usávamos de sua metodologia de trabalho em uma de nossas atividades, o nosso Teatro do Oprimido, com um texto construído pelos/as próprios/as petianos/as. O que eu lamento até hoje, é que não fizemos nenhum registro fotográfico desta visita. Mas, o que mais me espantou foi quando chegamos na Ufes, mais propriamente nas tendas armadas ao redor da Adufes, onde seria realizada a atividade, e eu percebi que muitas pessoas cercavam o carro que eu havia acabado de parar. E eu não entendia o porquê, estava até um pouco assustado com aquilo. Mas, percebi que elas queriam somente ter um momento de proximidade com o Boal, este grande dramaturgo, diretor de teatro, artista de nosso país. Eu confesso que, hoje, pensando naquele dia, me sinto um pouco chateado comigo mesmo por não ter registrado nada daquele momento, e até mesmo nos faz refletir como muitas vezes devemos dar mais importância a certos fatos cotidianos de nossas vidas que são relevantes e que não mais voltarão a acontecer.

A outra atividade do evento comemorativo dos 25 anos foi a palestra do professor Wilson Cano, que, por minhas lembranças, foi

indicado a partir de uma lista elaborada pelos discentes da Economia. E aí tem uma outra história que, pela primeira vez, vou relatá-la publicamente, lembrando que o professor Wilson Cano sempre teve boas e intensas ligações com o Departamento de Economia, sendo professor e orientador de professores e ex-professores de nosso departamento.

O convite feito ao referido docente foi aceito prontamente e pouco tempo antes da viagem, já com as passagens emitidas e o hotel reservado, eu não recebia mais resposta de sua vinda. Ao ligar para a Unicamp, fiquei sabendo que o professor estava adoentado e hospitalizado, o que de antemão me deixou surpreso e preocupado com a pessoa dele, e que tinha cancelado todos os compromissos de sua agenda, menos um: o evento do PET-Economia. Eu confesso que foi um misto de preocupação e alegria. Ao chegar, fui buscá-lo no aeroporto, comemos uma moqueca, conversamos por um longo período e o deixei no hotel. Nesse ínterim, ele me contou o que aconteceu nas últimas semanas; fizemos o evento no dia seguinte, este, felizmente, devidamente registrado, e ele retornou à Campinas. Mas, o mais importante para mim, e que me deixa muito orgulhoso: mesmo não estando em condições plenas de viajar e de trabalhar, pude perceber o respeito que ele teve por nós, colocando-nos, de certa forma, em um lugar privilegiado. O professor Wilson Cano, que aqui rendo minhas homenagens, faleceu no início de 2020.

3) Ao longo da sua trajetória de seis anos na tutoria do PET-Economia/UFES, o senhor

conviveu com os mais diferentes perfis de petianos(as), com visões de mundo distintas. Como o senhor coordenou o grupo PET de modo que as diferenças deixassem de ser um desafio e se tornassem importantes para a formação plural do programa? Ademais, como o senhor conduziu o grupo em períodos de elevada rotatividade entre os membros, somado a chegada de novatos(as) no programa?

R: Formalmente, de fato foram 06 anos como tutor. Mas, como indiquei anteriormente, foram muitos, muitos mais acompanhando de perto as atividades do PET. Por isso, posso dizer que a pluralidade e a diversidade, em todos os níveis e especificidades, sempre foi uma característica do PET, quer seja do ponto de vista pessoal, religioso, de origem econômica, política, cultural etc, e que se, por um lado, requer muita sabedoria do/a tutor/a na condução do grupo, que nos digam as reuniões semanais que muitas vezes eram/são tensas, por outro, reflete a riqueza da compreensão e do aprendizado com o diferente, com o pensamento diverso, com a opinião distinta, e nessa dialética também reside a grandeza do grupo, de perceber o heterogêneo, de se posicionar, “ganhando” e/ou “perdendo” nas votações internas que acontecem nas reuniões. Esta vivência plural oferecida pelo PET também é de fundamental importância para o processo formativo, profissional e pessoal de seus integrantes.

E estas características estão nas regulamentações e objetivos do PET, como na Resolução nº 22/2019 do Conselho de Ensino,

Pesquisa e Extensão da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), que descreve algumas normas para o funcionamento do Programa de Educação Tutorial (PET) na Ufes, que tive a honra de participar de sua elaboração junto a professora Cláudia P. Pedroza Canal, à época na PROGRAD, e um representante discente. Em seu Art. 3º, página 02, afirma: “VI. Estimular o pensamento crítico, bem como a atuação profissional pautada pela cidadania e pela função social da educação superior; IX. Contribuir com a política de diversidade na Instituição de Ensino Superior (IES), por meio de ações afirmativas em defesa da equidade socioeconômica, étnico-racial e de gênero, e da inclusão de pessoas com deficiência”.

O problema da rotatividade já se manifestava nos anos em que estive à frente do PET-Economia. E, ao contrário do que possa parecer, não acontece em todos os grupos PET da Ufes. Os seus motivos são variados, desde questões financeiras, já que a bolsa há anos permanece a mesma, até questões pessoais, de reprovação etc. Por isso, a sua existência, até certo nível, é compreensível e não interfere profundamente no cotidiano do grupo, já que enquanto alguns saem e outros entram, sempre tem aqueles que permanecem até o final do curso e passam a sua experiência para os demais, num processo construtivo. O problema é quando esta rotatividade aumenta em demasia...

4) Um dos pilares do PET-Economia são as atividades extensionistas, ou seja, os projetos voltados para o público externo à UFES. Dentre estas, temos em destaque o “Teatro do

Oprimido” e o “Desmistificando a economia: do ‘economês’ para o português”, que foram, e ainda são, realizadas em escolas públicas e centros comunitários. Nesse sentido, no período em que estive como tutor, o senhor poderia relatar as suas experiências mais marcantes em atividades realizadas pelo PET-Economia fora da Universidade? Além disso, como a conjuntura econômica nacional impactou o planejamento das atividades extensionistas?

R: Não sei se estarei cometendo um erro ao generalizar a afirmação seguinte, mas nós da Economia não temos muita tradição no desenvolvimento de atividades extensionistas. E esta característica foi sendo aperfeiçoada no PET-Economia ao longo dos anos. A própria criação do programa na Rádio Universitária FM, o “Resenha Econômica”, que foi ao ar pela primeira vez em 22/03/13, é uma atividade que engloba a tríade do ensino-pesquisa-extensão, já que abrange um público ouvinte para além das fronteiras de nossa universidade. E foram muitas as experiências de atividades desenvolvidas junto à comunidade externa, onde as pessoas mostravam em seus olhos a descoberta de determinados assuntos, ou a identificação a partir do que se falava na atividade. Eram momentos marcantes, alegres por percebemos a satisfação com que éramos recebidos e, ao mesmo tempo, muitas vezes tristes. Me recordo uma vez, na apresentação do Teatro do Oprimido, que uma senhora relatou que a encenação da nossa peça retratava a realidade de sua vida, de agressões e opressão familiar. Foi algo muito forte e

ficamos em silêncio por um tempo. E nos últimos anos da tutoria, os impactos e as dificuldades para a realização destas atividades, que envolve o deslocamento para outros municípios, foi aumentando em função dos cortes e atrasos no pagamento do custeio. Quando possível, muitas vezes íamos com as nossas próprias conduções.

Para além das perguntas feitas, adiciono aqui o período após a saída da tutoria. Também declaro pela primeira vez em público que minha saída do PET-Economia não foi tão simples para mim, pelo contrário, eu sofri como alguém que “perde” um ente querido e próximo. Tanto é que fiquei muitos meses sem ter a coragem de entrar novamente na sala do PET. Mas, ao mesmo tempo, tinha a sensação de dever cumprido e orgulho de ter dado continuidade a este projeto que consideramos tão importante para a formação pessoal e profissional de nossos discentes.

5) O PET-Economia depois de 30 anos de existência passou por diversos períodos de instabilidade política que ameaçaram, e ainda ameaçam, sua existência, como congelamento de gastos ou bolsas em atraso. O programa, como o senhor sabe, faz parte da identidade do curso de Ciências Econômicas da UFES, dado que além de desenvolver o senso crítico de seus participantes, ajudou no desenvolvimento acadêmico e pessoal de centenas de petianos(as). Atualmente, os grupos PET sofrem com bolsas que não têm atualização desde 2010 e a rotatividade dos(as) petianos(as) está alta, sendo que, em muitos casos, não completam o ciclo ideal de

2 anos de participação. Assim, quais as principais perspectivas você vislumbra para o programa e universidades públicas frente ao avanço do neoliberalismo no Brasil?

R: Em primeiro lugar, não acredito na existência de um “ciclo ideal de 2 anos de participação” no PET. Esta narrativa criada em algum momento deve ser, a meu ver, imediatamente desconstruída. Procurando ser sucinto em um tema muito complexo: como brevemente indicado anteriormente, acredito que a rotatividade, pensada do ponto de vista do grupo, fragiliza um dos esteios do PET que é exatamente o trabalho coletivo e o desenvolvimento da autonomia de seus integrantes. Naturalmente, após um período de vivência nas diversas atividades, acadêmicas, administrativas, organizacionais, dentro e fora da universidade, que demandam tempo, mais do que os supostos 02 anos, o/a petiano/a estará preparado para passar a sua experiência para os demais componentes do grupo, exercendo, neste momento, um papel maior de liderança, que também se aprende, que já foi de seus ex-colegas. Portanto, seu aprendizado não para, é sempre contínuo. Por outro lado, não sou insensível para entender os motivos desta rotatividade: normalmente, como sabemos, por questões financeiras e pretensa inserção no mercado de trabalho, facilitada, supostamente, pelo estágio. Sabemos da defasagem das bolsas, tanto na graduação quanto na pós-graduação, e dos sucessivos cortes em áreas prioritárias para a população, como nos gastos sociais, envolvendo, por exemplo, saúde, educação, infraestrutura, também explicado pelo avanço

do projeto neoliberal. Portanto, trata-se de um tema complexo e que envolve discussões estruturais, tanto do ponto de vista macroeconômico, quanto de mudanças no mundo do trabalho. Mas, digo com muita tranquilidade: o estabelecimento de um período de permanência no PET não existe e não pode ser tomado como regra.

A influência das atividades desenvolvidas pelos grupos PETs não se concentra somente em seus integrantes. A promoção de atividades diversas e a introdução de novas práticas pedagógicas, provocam interferências diretas, apesar da difícil percepção no cotidiano, nos demais discentes dos cursos diretamente vinculados ou não ao grupo PET. E estas relações também estão descritas nas normativas que fundamentam e regulamentam os grupos PET.

E, finalmente, sabemos que falar de previsões acerca da educação, da economia, dos grupos PET, no curto, médio e longo prazo não é algo tão simples. Tanto o PET quanto as universidades públicas sempre foram atacadas ao longo de décadas, num amplo processo de desmantelamento com posterior mercantilização. Cheguei a pensar que o PET seria extinto, revelando um processo de tentativas históricas de dissolução que marcou a vida e trajetória desses grupos no país. Mas, as resistências sempre existiram. Nos últimos anos, eu estudei um pouco o processo de formação histórica e econômica do modo de produção capitalista que tem me ajudado bastante nas discussões da teoria econômica e na percepção do mundo contemporâneo,

envolvendo o passado, presente e futuro, a consciência histórica. Sem querer dar respostas, entender esses movimentos e transformações nos ajudam a compreender a dimensão da totalidade, que determina os fundamentos gerais, e as particularidades dos movimentos que afetam o nosso cotidiano. No meio, estamos nós e nossa capacidade de agir.